

Kampa do Amônia sem assistência e explorados pelos madeireiros

TERRI VALLE DE AQUINO

A população Kampa do rio Amônia é constituída por 260 índios, no total de 50 famílias, vivendo espalhadas ao longo deste rio e do Amoninha até à fronteira peruana.

É uma população formada por dois grupos étnicos distintos. O primeiro deles, localizado na parte baixa da área, é o resultado da miscigenação de vários povos: Kampa, Santa Rosa, Amuanga, Kaxinauí e Xama. São chamados genericamente de "caboelos", pois já perderam muito de suas tradições culturais. Vários deles já esqueceram o seu idioma nativo, fazem suas casas ao estilo regional e usam roupas confeccionadas.

O segundo grupo é formado pelos Kampa tradicionais, ocupantes da parte alta da área indígena e se autodenominam "Ashaninka", que significa literalmente "nossos companheiros". Mantêm as suas tradições culturais e são orgulhosos disto. Falam entre si apenas o seu idioma, uma língua do tronco Aruak, havendo entre eles pessoas que falam o espanhol e o português fluentemente.

Os Kampa são pessoas alegres, usam seus cusmas coloridos com tintas vegetais, pintam-se frequentemente de urucu, fazem suas festas da caçuma e do cipó, cantam e dançam alegremente aos sons de tambores e flautas. Vários deles têm fama de excelentes curadores ou pajés da ayahuasca. Curam seus doentes utilizando-se do conhecimento do cipó, do tabaco e de ervas medicinais da floresta.

Nesta viagem ao Amônia conheci vários jovens Kampa que estavam estudando para ser "doutor do cipó" com os velhos pajés tomando ayahuasca frequentemente, aprendendo a distinguir as ervas medicinais e os seus usos, defumando seus corpos com a fumaça de tabaco de seus cachimbos e ainda aprendendo as técnicas de cura por sucção. Este aprendizado é muito rigoroso implicando quase sempre em restrições alimentares, abstinência sexual, ingestão contínua de mel de tabaco e de cipó, durante o período de 4 luas ou 4 meses.

São os pajés Kampa que dirigem a cerimônia da ayahuasca, que eles organizam sempre que exanham e quando fazem os diagnósticos das doenças de seus pacientes. Quando a bebida faz efeito, os pajés então começam a cantar, repetindo que eles ouvem as canções dos bons espíritos visitantes, pois é nesta ocasião que eles vêm cantar e dançar às vistas dos pajés e dos que tomaram a bebida. Eles então sopram longamente a fumaça de tabaco de seus cachimbos sobre a parte afetada do corpo de seus pacientes e chamam as doenças, que eles ~~apresentam como sendo emergido dele~~.

Os Kampas têm grande habilidade com o arco e a flecha. São bons arqueiros e protegidos por ervas mágicas, tornam-se guerreiros corajosos e iletos.

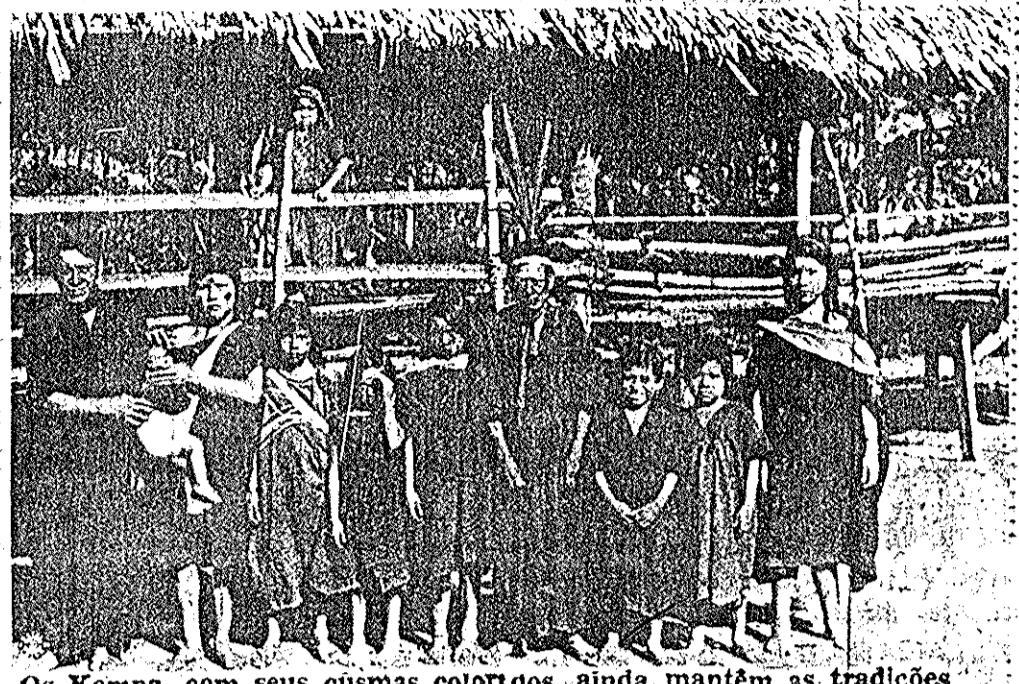
A economia Kampa está baseada na agricultura, pesca (verão), caça (inverno) e na extração do caucho e de madeira de lei, principalmente o cedro e o agoano. Vivem basicamente dos frutos da terra, pois são considerados excelentes agricultores. Encontramos em seus roçados 32 variedades de macaxeiras, 10 de banana, 7 de amendoim e ainda plantam algodão, urucu, tabaco, arroz, tingui (uca e barbasco) e plantas medicinais.

A unidade econômica efetiva é a família conjugal (pai, mãe e filhos), na qual a divisão sexual do trabalho assume a seguinte forma: os homens fazem todas as caçadas, a maior parte das pescarias e algumas coletas de frutas da mata. Eles brocam, derrubam, queimam, encoivaram e plantam seus roçados e praias, constroem casas e confeccionam muitos artesanatos, tais como, arcos e flechas, canoas ou ubás, pulseiras, colares etc. Já as mulheres fazem as colheitas dos roçados e cozinham diariamente, confeccionam a cerâmica, cestaria, tecelagem e ainda cuidam das crianças.

Não há propriedade privada nos territórios de caça e nos sítios de pesca. Só existe propriedade em relação aos roçados e aos artesanatos.

Para adquirirem aquilo que eles próprios não produzem, empregam-se periodicamente como pedes em fazendas e seringais do alto. Jusua ou então se aviam de bens industrializados com os compradores de madeiras para a extração de agoano e cedro dos altos igarapés, afluentes do Amônia.

Ao longo destes últimos 20 anos as riquezas madeireiras existentes em suas terras têm sido expropriadas pelos donos de serrarias de Cruzeiro do Sul, através de seus intermediários ou prepostos. Os Kampa passaram então a ser autamente explorados como mão-de-obra barata, de baixo custo e livre de qualquer encargo social. E os índios estão ficando cada vez mais pobres, sempre endividados com seus patrões, porque não têm nenhum compromisso com a sorte das famílias indígenas e ainda não lhes dão assistência de saúde.



Os Kampa, com seus cusmas coloridos, ainda mantêm as tradições

OS PATRÕES DOS KAMPA

Os patrões que trabalham diretamente com os Kampa geralmente são pequenos comerciantes de Vila Taumaturgo compradores de madeiras, que estão por sua vez subordinados a um dos três grandes donos de serrarias, grandes comerciantes e seringalistas de Cruzeiro do Sul. Esta cadeia de aviação é mais explorada do que aquela existente na seringa.

Os "tiradores de madeira", sejam eles Kampa ou acreanos, ocupantes da área indígena do Amônia, são duplamente explorados pelos donos de madeiras de Cruzeiro do Sul, através de seus prepostos ou compradores de madeiras de Vila Taumaturgo de Azevedo. As mercadorias ou bens industrializados são vendidos sem preços, que são utilizados no ano seguinte. São praticamente trocadas por toras de madeira. É uma troca simples, naquela base de "eu te dou tanto em mercadoria e você me dá tantos metros cúbicos de madeira". Só que por trás desta simplicidade, "toma lá e dá cá", se esconde uma troca econômica extremamente desigual e exploradora.

As mercadorias, principalmente os instrumentos de trabalho, as estivas, miudezas e até remédios industrializados, são vendidas a preços exorbitantes, pois são atualizados e inflacionados em relação aos preços do ano seguinte, acrescidos ainda das taxas de juros bancários, de risco e de lucro alto.

Já as toras de madeira dos Kampa e dos posseiros acreanos praticamente não têm valor. São roubados tanto nos preços das mercadorias como nos preços de suas toras de madeira. A troca e feita para que eles fiquem sempre devendo, tornando-se uma mão-de-obra controlada e domada para reproduzir a safra de madeira do ano seguinte. É a escravidão da dívida, a qual estão sujeitos hoje em dia todos os índios Kampa e acreanos, que derrubam e retiram à braços, com 300 a 400 metros de distância, as toras de madeiras das cabeceiras dos igarapés do Amônia e ainda arriscando a própria vida, descendo perigosamente este rio em balsas de madeira para serem entregues aos donos de serrarias, através de seus intermediários em Vila Taumaturgo.

De fato, os donos de serrarias de Cruzeiro do Sul são os únicos que têm lucros altos. São unicamente eles que estão se enriquecendo às custas dos próprios índios e das riquezas existentes em suas terras. E o preço da madeira de lei tem mais valor no mercado regional do que o da borracha. Mas esse grande valor só passa a existir depois que os donos de madeiras venderem as tábuas para o centro-sul do país, através de Manaus, ou então exportarem diretamente para o Mercado Comum Europeu.

Os Kampa do Amônia se encontram totalmente desassistidos e vivendo sujeitos a toda forma de violência, econômica e cultural.

Os patrões dos Kampa são bem conhecidos no Alto-Juruá. São eles: Torfo do Vale, comprador de madeira, ligado à firma Correias e Irmãos; Antônio Vieira, comprador de madeira do rio Tejo, ligado à firma Abraão Cândido; Hélio Matos de Melo, empregado do empresário Abdul Karim, dono da serraria São José; Getúlio do Vale, delegado de polícia da Vila Taumaturgo, que vendeu uma parte da área indígena para o Sr. Abraão Cândido derubar 500 árvores de agoano e cedro para a sua serraria.

Em suma, Abdul Karim, juntamente com Abraão Cândido, Armedi Cameli e Correias e Irmãos são os donos das serrarias e nas mãos dos quais chega toda a madeira retirada da área indígena do rio Amônia.

OS POSSEIROS ACREANOS

Na área Kampa, delimitada pela Funai em Fevereiro/85, com aproximadamente 67.050 hectares, vivem atualmente 28 famílias de posseiros acreanos, com cerca de 180 pessoas, que serão retiradas de lá no próximo ano de 86. O que fazer com estas famílias, aonde elas irão morar? É o que todos indagam lá no Amônia.

A Funai prometeu "benfitorias de todos eles, no valor total de Cr\$ 105 milhões de cruzeiros, como condição para eles se retirarem da área indígena, mas o Inera, que participou juntamente com a Funai da eleição desta área do Amônia, ainda não sabe aonde estas famílias vão ser assentadas.

No decorrer de nossa viagem fomos convidados e aceitamos participar de uma reunião com todas as famílias de posseiros acreanos, que lá vivem como agricultores, criadores e tiradores de madeira. Ocasão em que todos chefes de família solicitaram ao Inera a distribuição de lotes para eles viverem e trabalharem no próprio rio Amônia, mas fora dos limites da reserva indígena. Estas terras foram griladas pelo fazendeiro Tertuliano, que comprou terras para especular em meados da década de 70 e alega ser proprietário do Seringal Minas Gerais, com 38.700 hectares. Já vendeu metade destas terras para outro fazendeiro do Sul e não desenvolve atividade produtiva nas terras que diz possuir nas vizinhanças da área indígena do rio Amônia. É para estas terras do Amônia que querem mudar estas famílias, depois que receberem as indenizações prometidas pela Funai.

Estas 28 famílias solicitaram que o Inera desapropriasse as terras do Amônia, abaixo da área indígena, para que eles possam morar e trabalhar, já que estão acostumados com este rio, aonde vivem há de 20 anos.

É muito importante que o Plano Regional de Reforma Agrária, de responsabilidade do Inera, resolva de vez esta situação em que se encontram todos os ocupantes não índios, e são centenas deles, que ainda se encontram dentro das áreas indígenas do Acre/Sul do Amazonas.

Se os índios Kampa têm direitos históricos e legais às suas terras, os posseiros acreanos, que tomaram o rio Amônia dos peruanos no início deste século, também têm direitos a uma reforma agrária justa e humana. Um indigenismo mais consequente tem que levar em conta estes dois aspectos da questão. Defender intransigentemente as terras indígenas, mas também apoiar e até propor soluções para uma reforma agrária, que também contemple os seringueiros e posseiros sem terras, ocupantes das áreas indígenas.

AUTO PECAS E OFICINA BRASIL

Assistência Técnica e Venda de Acessórios, peças para Moto e Bicicletas em Geral. Mecânica de Motocicletas Honda - Yamaha Agrale Nacionais e Importadas.

Que no alvorecer de 1986, encontre nossos clientes e amigos na plenitude de suas alegrias e na realização de seus sonhos.

Um Feliz Natal e Próspero Ano Novo!

Rua Hugo Carneiro, 649 - Bosque
Fone: 224-1524
Rio Branco-Acre